

**MANUAL PARA CURSO DE FORMAÇÃO
CONTINUADA**

**REMEMORANDO ATRAVÉS DO SOM: COMO
TRABALHAR CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS
UTILIZANDO LETRAS DE MÚSICAS**

Natália dos Santos Barbosa

Capa

Trabalho de Priscilla Piccolo Neves

Diagramação

Priscilla Piccolo Neves

Texto

Natália dos Santos Barbosa

Revisão

Fábio Henrique Monteiro Silva

Esse manual foi desenvolvido como produto do Mestrado Profissional em História, sob a orientação do Prof.º Dr.º Fábio Henrique Monteiro Silva.

Elaborada por Luísa Sousa Barros - CRB 13/657

Barbosa, Natália dos Santos.

Rememorando através do som : como trabalhar conteúdos programáticos utilizando letras musicais / Natália dos Santos Barbosa. – São Luís, 2022.

27 f.; il.

Produto educacional da dissertação Quem canta seus algozes afronta : uso de letras musicais como recurso de ensino de História sobre o período da ditadura no Brasil

Orientação do Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva.

1. Ensino de História. 2. Ditadura. 3. Letras de músicas. I. Título.

CDU 371.67:78.04(075)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
A MÚSICA EM SALA DE AULA	6
CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E DEMAIS COMPONENTES	12
A MÚSICA PROTESTO COMO RECURSO METODOLÓGICO NAS AULAS DE HISTÓRIA E DEMAIS DISCIPLINAS	13
O LIVRO DIDÁTICO E A UTILIZAÇÃO DE MÚSICA PROTESTO NO AMBIENTE ESCOLAR	13
SUGESTÕES DE LETRAS DE MÚSICAS PROTESTO PARA SEREM TRABALHADAS EM SALA DE AULA	21
SUGESTÕES DE ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA	22
REFERÊNCIAS	25



APRESENTAÇÃO



O trabalho que se apresenta visa oportunizar ao professor explorar curiosidades em como usar letras de músicas em sala de aula de maneira produtiva e dinâmica. Trata-se de um manual para formação continuada voltada ao público docente com a pretensão de oportunizar: um novo recurso metodológico em sala de aula, conhecimentos aprimorados do professor, aulas que usem além do livro didático e otimizar o cotidiano educacional.

Para a elaboração desse material foram utilizados os pressupostos metodológicos que beneficiam um amplo grupo de pessoas, como professores, gestores e alunos. É extremamente importante que os professores contem com uma formação continuada, tanto para a melhoria no ensino, quanto para estarem alinhados às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN), que tratam essa formação como pauta obrigatória. Uma escola alinhada com a legislação passa a ser melhor vista pelos órgãos reguladores, professores e pela comunidade escolar como um todo.

O curso será direcionado para docentes que atuam no Ensino Fundamental dos anos finais, precisamente para turmas de 9º ano, com carga horária de 20 (vinte) horas/semanais, ofertado de forma presencial com duração de 4 (quatro) horas, no período de 5 (cinco) dias.

A docência é uma prática em constante mudança e a escola pode se manter atualizada em relação aos novos recursos midiáticos que surgem. Os professores passam a inovar nas práticas em sala de aula e os alunos adquirem

conteúdos mais contextualizados e relacionados às demandas da sociedade na qual estão inseridos. Com a formação continuada o professor pode ter acesso a novas metodologias de ensino e relacionar o novo conhecimento adquirido com as bases científicas da sua graduação inicial, agregando mais suporte e conteúdo para oferecer aos seus alunos. A formação continuada é uma forma de oferecer suporte para os professores, conseqüentemente, surgem oportunidades para sanar dúvidas e questionamentos que possam acontecer ao longo da carreira, melhorando constantemente a atuação e motivando o profissional.



A MÚSICA EM SALA DE AULA

A História da Música é uma disciplina que pressupõe o encontro da História com as musicologias. Os músicos, ao fazerem história da música, tendem a privilegiar os aspectos da estruturação formal das obras e também, acrescente-se, um repertório que favoreça essa abordagem, seja a música artística europeia ou, no caso da música popular, o jazz, o choro, a Bossa Nova ou a música instrumental. Existe, porém, certa resistência dos músicos à historiografia da música realizada por historiadores de ofício, especialmente aquela que se atém à música popular que, por um conjunto de fatores, tem sido pensada com maior contextualização histórico-sociológica.

Surgida inicialmente apoiada no texto literário, a música ocidental foi, ao longo do tempo, ganhando independência das formas vocais. O surgimento das formas musicais puramente instrumentais implicou a

Samba



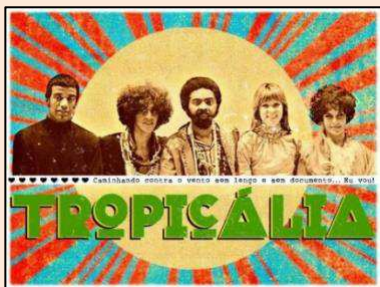
<https://www.todamateria.com.br/samba-de-roda/>

construção de um discurso musical que fizesse sentido em si mesmo. Estas formas instrumentais adquirem então certa narratividade que se expressou. No caso da música popular, surgida em estreita relação com o mercado de bens culturais, este processo de institucionalização foi mais irregular e descontínuo, embora também tenha acontecido de maneira desigual com gêneros como jazz, samba, tango, rumba, que se confundiram com a

afirmação de identidades nacionais de seus respectivos países.

Os anos 1960 significaram para a música no Brasil a ruptura da hegemonia do nacionalismo musical no plano da música erudita com a atuação das vanguardas, a atualização estética da música popular no fluxo criativo que vai do surgimento da Bossa Nova, no final da década anterior, até a tropicália. Nesse momento, mais uma vez a música popular no Brasil se cruzaria com questões político-ideológicas e com outras séries socioculturais,

Movimento Tropicália



<https://outraspalavras.net/poeticas/a-tropicalia-e-a-prova-dos-nove/>

e sairia do intenso debate estético-político da década num patamar superior enquanto produto artístico.

A expressão *música popular brasileira* tem relação com a política nacional-popular. Atualmente é algo aceito e plenamente incorporado pelos pesquisadores da música popular que a

sigla MPB não seja apenas uma abreviatura ligada ao gênero musical. Embora a sigla MPB seja composta de suas iniciais, não se restringe a toda música popular feita no Brasil, mas a um subconjunto dessa produção. A sigla surgiu também devido o elo entre a Bossa Nova, as canções de protesto, os gêneros tradicionais da música popular no Brasil (samba, baião, marcha) e, posteriormente, o tropicalismo. Ainda era também um momento de impasse da cultura política de reorganização da indústria fotográfica e dos meios de comunicação do país.

A sigla MPB soava como certa similaridade com sigla política semelhante à MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido de oposição consentida no bipartidarismo imposto pelo regime militar, que tinha

naturalmente uma característica de frente política.

A partir de então, uma faixa da música popular, a Bossa Nova e setores identificados com a sigla MPB realizaram o projeto do nacionalismo musical de construção de uma música artística “verdadeiramente nacional”. No contexto das lutas políticas e das transformações socioculturais dos anos 1960, a música popular se tornaria no Brasil objeto de um intenso debate intelectual no qual se articularam distintos projetos estéticos, atuação política e visões das relações com o mercado cultural em processo de reorganização.

Bossa Nova



<https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/2018/07/16/bossa-nova-60-um-cantinho-um-violao>

O Brasil com uma variedade tão significativa não somente ouve música, mas também se produz e se pensa música. Apesar dos avanços já realizados por pesquisas e trabalhos acadêmicos, o uso de letras de músicas no ensino é um assunto a se refletir que fornece curiosidades a serem abordadas. Nessa perspectiva, buscar propostas diferentes de metodologias de ensino que promovam a identificação dos estudantes como passado e trazer para a realidade o presente vivo permite à sala de aula a relevância do conhecimento cotidiano.

O aglomerado de recursos audiovisuais deve ser usado como meio favorável ao professor. As novas formas de ver, sentir e ouvir que a contemporaneidade oferece ao público jovem na fase educacional básica são satisfatórias não só pelas novas instâncias das mídias digitais, dos aparelhos celulares, da televisão e da música como esses recursos que não são tão novos, no caso da música, podem ser usados com outro propósito ou

como recurso didático, fazendo uma releitura de seus usos associado a uma mudança na metodologia de ensino. A música é um recurso que tem forte presença na vivência dos alunos e apresenta linguagem acessível ao seu mundo e seu cotidiano. Sua utilização em sala de aula e em especial em aulas de História apresenta grande potencial. O professor carrega consigo a tarefa de percepção e desnaturalização, uma vez proporcionando diálogos que demonstrem o conhecimento informal, os relatos familiares e comunitários, quiçá as dúvidas.

Rodrigo Falcão (2018) dialoga a partir de seus estudos que muito da motivação que leva alguém a escolher a canção como objeto de pesquisa ou ferramenta pedagógica é seu próprio gosto pessoal como pesquisador/professor/consumidor de música. Todavia, devemos evitar a armadilha que nos impede de analisar a obra de arte somente por esses critérios. É necessário um entendimento que possibilite ultrapassar essas barreiras e, principalmente, no que se refere à sala de aula, construir uma metodologia que considere também os alunos e seus gostos e preferências, sobretudo na hora de escolher o material a ser trabalhado.

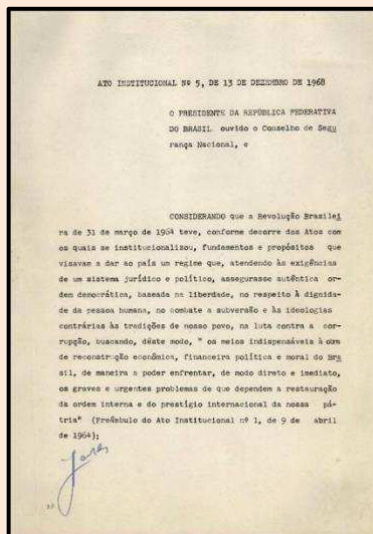
“Ainda refletindo sobre métodos e possibilidades para se tratar o tema, é importante, além da questão material e histórica que envolve a canção, levar em conta a forma como ela é recebida e consumida. As relações que elas estabelecem com a memória coletiva e o gosto e a sensibilidade de quem a percebe. O que nos abre a perspectiva de conceber e construir várias alternativas, de acordo com os objetivos escolhidos. Uma delas é atentar para os processos que envolvem os meios de comunicação, a indústria cultural e a forma como a canção é produzida, divulgada e consumida. Tentar compreender a relação entre música e mercado se torna, muitas vezes, elucidadora e vital do ponto de vista de perceber como funcionam os mecanismos que transformam a canção popular nesse produto cultural de apelo tão forte na sociedade contemporânea” (FALCÃO, 2018, p.23).

O universo dos estudantes deve ser incluído nas tarefas do professor pois quando o conteúdo a ser abordado nas disciplinas se distancia demais do seu “mundo” ocasiona várias vezes em perda de interesse na matéria ou assunto, prejudicando tanto profissional quanto aluno. No caso específico da disciplina de História, o professor deve sempre fazer a ponte entre os fatos passados e a atualidade, conectando-os e estabelecendo pontes, continuidades e rupturas, abrindo leques para a percepção do estudante no que se refere a construções históricas e direcionamento de desconstruções de preconceitos historicamente elaborados.

A ditadura civil militar silenciou a fala durante seus vinte e um anos de duração e, de forma mais poderosa ainda, aquelas que se distanciavam de um padrão desejado pelo governo. Além do aparato estatal, o paradigma estrutural, que ainda exerce muita força dentro do seio acadêmico, descarta a subjetividade ofertada pelo depoimento, dando grande importância à observação de estruturas de longa duração e, consequentemente, menosprezando o testemunho que, necessariamente, não poderia representar um grupo ou uma época (FERREIRA, 1998).

A ditadura então instaurada estabelecia, entre outras proibições, a discussão de temas julgados subversivos ou atentatórios aos ditos bons costumes, a boa moral ou a ordem social, em geral, e entre os quais se incluía o da existência de preconceito racial no país.

AI 5



“A evidência da repressão empregada pelo estado terrorista criou essa “cultura do medo”, na qual a participação política ou a simples contestação poderia ser equiparada ao risco real de sofrer essas práticas. A “cultura do medo”, o controle político, a rígida censura, a repressão física esteve presente em vários âmbitos sociais. A repressão política durante a ditadura fez surgir um clima de vigilância sobre tudo e todos e as práticas de repressão vistas nos sequestros como forma de detenção, desaparecimento de pessoas que ameaçavam o regime, técnicas psicofísicas de destruição dos prisioneiros, a tortura como método institucional, a coisificação, a tensão constante, o aniquilamento físico tudo isso foi mascarado pelas forças militares” (BAUER, 2005, p.5).



CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E DEMAIS COMPONENTES

O processo educativo em qualquer área de ensino/aprendizagem tem como objetivo levar os alunos a utilizarem suas capacidades intelectuais para aquisição e uso de conceitos e habilidades, na prática, em sua vida diária e no próprio processo educacional. Essas novas habilidades e conceitos podem ser adquiridos no processo LFeducativo através do uso simultâneo de letras musicais. As escolas podem e devem participar desse processo de reconhecimento e reconfiguração a partir da atenção voltada para esse trabalho interdisciplinar. Pensar em interdisciplinaridade resulta em um conceito de reintegração devido à dificuldade encontrada por professores em uma educação voltada para um currículo compartimentado e baseado em conteúdos massificados. São maneiras de se trabalhar o conhecimento através de conexões entre aspectos que antes ficavam isoladas umas das outras por conta das disciplinas enrijecidas.

A História trabalha com a alteridade, o que pode favorecer o desenvolvimento prático conectivo e interpretativo como ferramenta social. O uso de música no ensino de História exige uma abordagem específica e cabe ao professor selecionar seu material e escolher a opção metodológica mais adequada para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Ao escolher a música como um recurso didático é necessário planejar seu uso, ou seja, determinar em qual momento da aula a canção será usada e qual será sua finalidade. A música compreendida como um recurso de

aprendizagem permite múltiplos usos e leituras. Os objetos de aprendizagem servem para ilustrar, mobilizar, explicar ou problematizar um determinado conteúdo ou conceito. A música também pode ser usada em sala de aula como fonte histórica, como usam os historiadores como matéria-prima de suas pesquisas. De acordo com a leitura especializada, o processo de análise de fontes musicais deve seguir alguns procedimentos que se direcionam à exposição inicial da canção sem recurso da letra apresentada, seguida de anotações de palavras ou frases interpretadas. Depois, há a confirmação do entendimento sonoro através do acompanhamento da letra da música para posterior leitura seguida da audição e discussão acerca da apresentação.

A incorporação de letras musicais ao ensino de História permite que professor e aluno tenham novas percepções de tempo, espaço, composição, contextos, que ganham abrangências nos diálogos referentes a testemunhos da realidade. Uma concepção de História como processo reclama uma concepção de ensino também dinâmica que encontra no conhecimento uma construção e na pesquisa um direcionamento. Destaca-se ainda a ideia de que dinamismo e experiências sociais são vias que andam juntas no processo de leitura do ofício do profissional de História. As frases de diversas letras musicais estão presentes nas vivências. Tais letras podem ou não transmitir a verdade como ela é, mas permitem ainda transmitir a mensagem e os sentimentos de uma época, formando múltiplos significados de um período histórico a ser estudado. Cotidianamente, o saber escolar reelabora o conhecimento produzido pelo historiador e ao longo dessa produção o despertar do senso crítico do estudante pode ser incentivado através de práticas que apresentem a dimensão histórica, identificando mudanças e permanências, reclamações e aceitações. O estudo de História busca

organizar dados, formalizar debates, trocar experiências e é isso que tem um significado na relação de professor e estudante.



A MÚSICA PROTESTO COMO RECURSO METODOLÓGICO NAS AULAS DE HISTÓRIA E DEMAIS DISCIPLINAS

De acordo com Marcelo Ridenti: “do fim dos anos 1950 ao início dos 1970, nos meios artísticos e intelectualizados de esquerda, era central o problema da identidade nacional e política do povo brasileiro” (RIDENTI, 2014, p. 01). Também é Ridenti quem nos fala sobre certo idealismo romântico que ficou indelevelmente associado ao período seiscentista, adjetivo este (romântico), que aparece por vezes em sua obra *Em Busca do povo Brasileiro*, ocorrências sobre as quais ele mesmo nos esclarece:

“Em geral, o termo [romântico] não é empregado [na obra] com um sentido unívoco, preciso; por vezes é usado com uma conotação pejorativa, identificada a certa ingenuidade e falta de realismo político. Contudo, não cabe tomar o romantismo revolucionário com desdém. [...] Se o uso do termo carece de um sentido único nas várias falas, por outro elas revelariam certas percepções de uma época, dita romântica” (RIDENTI, op. cit., p. 08).

As pesquisas sobre a música constituíam um objeto marginal, exceto para os especialistas no campo de incidência específico; atualmente, as pesquisas ampliaram seu foco. Elas vêm conquistando, gradativamente, o seu espaço na academia. Historiadores e cientistas sociais, em particular, acabaram se beneficiando do diálogo com profissionais de outras origens, incluindo aqueles de formação estritamente musical.

A música ocupa um lugar privilegiado na História sociocultural, se

torna um meio de encontro entre classes, etnias, religiões. Esta se relaciona intimamente com a nossa memória, pois traz pontos de reflexão presente através do passado. A memória faz concessões contínuas entre preservar, salvar, resgatar e não por acaso tornou-se um ponto de estudo da História científica. A música é múltipla, possuindo gêneros, temas variados e possibilidades de consumo.

Não obstante o Brasil com uma variedade tão significativa não somente ouve música, mas também se produz e se pensa música. Apesar dos avanços já realizados por pesquisas e trabalhos acadêmicos, o uso de letras de músicas no ensino de História é um assunto a se refletir que fornece curiosidades a serem abordadas. Nessa perspectiva, buscar propostas diferentes de metodologias de ensino que promovam a identificação dos estudantes com o passado e trazer para a realidade o presente vivo permite à sala de aula a relevância do conhecimento cotidiano. A História, sendo vista pelo patamar de uma disciplina que incentiva o pertencimento e a formação de sujeitos históricos, deixa de carregar o papel de simples intermediadora de fatos estudados apenas no âmbito do processo narrativo.

O aglomerado de recursos audiovisuais deve ser usado como meio favorável ao professor. As novas formas de ver, sentir e ouvir que a contemporaneidade oferece ao público jovem na fase educacional básica é satisfatório não só pelas novas instâncias das mídias digitais, dos aparelhos celulares, da televisão e da música como esses recursos que não são tão novos, no caso da música, podem ser usados com outro propósito ou como recurso didático, fazendo uma releitura de seus usos associado a uma mudança na metodologia de ensino. A música é um recurso que tem forte presença na vivência dos alunos e apresenta linguagem acessível ao seu

mundo e seu cotidiano. Sua utilização em sala de aula e em especial em aulas de História apresenta grande potencial.

O professor carrega consigo a tarefa de percepção e desnaturalização, uma vez proporcionando diálogos que demonstrem o conhecimento informal, os relatos familiares e comunitários, quiçá as dúvidas. O permitir conhecer outra realidade, outras visões, novas expectativas que têm de modo particular um enriquecimento que a oralidade e a quebra hierárquica das invenções dos sujeitos históricos revelam.



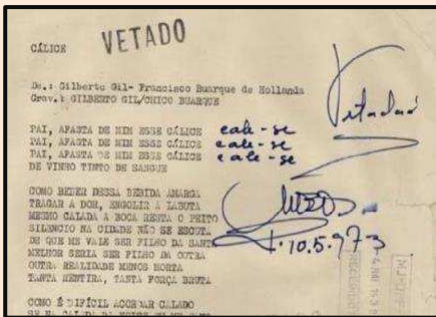
O LIVRO DIDÁTICO E A UTILIZAÇÃO DE MÚSICA PROTESTO NO AMBIENTE ESCOLAR

Material de várias gerações, o livro didático, além de conter informações, constrói conhecimento e funciona como um material facilitador no processo ensino e aprendizagem; sendo um instrumento de suporte pedagógico capaz de transformar realidades. O livro didático não é o único recurso metodológico na prática docente, visto que outras formas de ensino e uso de materiais podem ser aprimoradas. Contudo, a escassez de recursos em muitos contextos do ensino público brasileiro esta seja a principal ferramenta para aproximar a escola do conhecimento científico, permitir o envolvimento dos discentes durante a exposição do conteúdo trabalhado e possibilitar comparações com suas vivências particulares.

Cabe ao professor o papel de conduzir os temas propostos pelo material e facilitar a capacidade de compreensão do estudante. É necessário discutir o potencial da utilização das letras de músicas e sua contribuição para o ensino já que a música é um fenômeno que possui historicidade e encontra-se socialmente inserida. No caso particular das músicas de protesto, torna-se um instrumento de preservação e propagação da memória, demarcando as composições vinculadas às repressões ocorridas no Brasil como manifestação de luta e resistência cultural. Produzidas em um período bastante conturbado, o contexto político e a realidade social eram criticados e em meio às produções pretendia-se conquistar justiça social. O professor pode demonstrar as transformações das produções musicais promovendo uma

análise comparativa de composições compostas durante a vigência do regime militar. Dessa maneira, os alunos podem observar melhor a carga subjetiva das canções e como os órgãos de censura passaram a controlar essa manifestação artística.

Musica vetada pela ditadura



<https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/04/03/musicas-censuradas-ditadura-militar/>

O livro didático ainda é o recurso mais utilizado pelos professores da educação básica, embora não seja o único. O acesso ao livro didático é um direito do aluno da educação básica no Brasil, garantido por diversos dispositivos legais, como

a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e vários outros decretos, portarias e resoluções do Ministério da Educação (MEC). Devido a sua presença em praticamente todas as escolas públicas brasileiras, o livro didático ainda é a principal ferramenta utilizada no processo de ensino e aprendizagem. Mais do que uma simples ferramenta, o livro didático é um importante parceiro do professor na hora de ensinar e do aluno na hora de aprender.

A importância do livro didático nas práticas pedagógicas também se dá porque ele ajuda no planejamento de aulas pelos professores. Os professores, no geral, utilizam o livro didático principalmente para a preparação de suas aulas, o planejamento anual e preparar provas e avaliações. O desafio, portanto, é saber como utilizá-lo de forma estratégica durante as aulas. O livro didático não deve ser usado de qualquer forma. É importante que o professor planeje como ele será utilizado, para que ele não

engesse seu plano de aula ou retire sua autonomia enquanto educador, mas que sirva de ferramenta para suportar suas práticas pedagógicas.

O ensino de qualidade que a sociedade disponibiliza, precisa ser pautado ao exercício da cidadania e ao acesso de todos à totalidade dos recursos culturais relevantes para a participação na vida social. Torna-se pontual a ressignificação da unidade entre aprendizagem e ensino, uma vez que sem aprendizagem o ensino não se concretiza. Adaptações foram feitas para que o ensino não permaneça focado apenas na figura do professor, a perspectiva na educação é configurada por uma série de princípios explicativos da aprendizagem e do desenvolvimento humano que se complementam, promovendo uma atividade mental construtiva nos processos de aquisição de conhecimento, algo que não pode ser visto como indiferente do indivíduo, formulado como parte excludente da realidade externa. Como cita Marcos Napolitano (2002),

“(...) as maneiras como o pensamento em torno da música popular foram construindo uma esfera pública própria, com seus valores e expectativas, traduzem processos permeados de tensões sociais, lutas culturais e clivagens históricas. Esta é uma das possibilidades de abordar a relação entre música e história (social, cultural e política), sem que uma fique reduzida à dinâmica da outra” (NAPOLITANO, 2002, p. 33).

A música como objeto da cultura é repleta de historicidade. Dessa forma, seu uso como recurso didático pode ajudar a desconstruir os estereótipos existentes em vários segmentos sociais. Na medida em que a música possibilita o desenvolvimento da interpretação de contextos se abrem novas relatividades para realizações no meio em que vivem os

estudantes, articulando ainda os conhecimentos entre História e música. A canção popular também pode compor diferentes objetos de estudos históricos, organizando sujeitos em tempos diferentes, inclusive nas unidades de ensino da educação básica, seja como projetos ou recortes didáticos.

“Portanto, a história dos conceitos é, em primeiro lugar, um método especializado da crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social ou político. É evidente que uma análise histórica dos respectivos conceitos deve remeter não só a história da língua, mas também a dados da história social, pois toda semântica se relaciona a conteúdos que ultrapassam a dimensão linguística” (KOSELLECK, 2006, p.103).

Se ressalta a questão do papel da escola na formação pessoal do estudantedestacando assuntos sociais e vivencias coletivas, importância das tradições, saberes e práticas populares para uma possível apropriação simbólica de pertencimento dos estudantes. Que desemboca em um reconhecimento da identidade cultural e valorização de algo que é seu, a inclusão se faz notória e precisa. As ampliações das práticas educativas podem ser feitas a partir de processos educacionais que se articulam às possibilidades de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos indivíduos para a importância de bens culturais. Essa transformação nos métodos e conteúdos permite que o professor trabalhe e desenvolva a formação cidadã dos alunos. Tal formação precisa ser ativa, voltada para a aquisição integral de leitura, compreensão e transformação social.



SUGESTÕES DE LETRAS DE MÚSICAS PROTESTO PARA SEREM TRABALHADAS EM SALA DE AULA

- Alegria, Alegria - Caetano Veloso
- Apesar de você – Chico Buarque
 - Cálice – Chico Buarque
 - Como nossos pais – Belchior
- É proibido proibir – Caetano Veloso
 - Mosca na sopa – Raul Seixas
- O bêbado e a equilibrista – João Bosco e Aldir Blanc
- Pra não dizer que eu não falei das flores – Geraldo Vandré



SUGESTÕES DE ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA

Pergunte aos estudantes quais as músicas que costumam ouvir e quais os meios eletrônicos que tendem a usar.

Questione aos estudantes qual a importância da música em sua compreensão.

O professor poderá fazer a sugestão para que os estudantes cantem ou façam comentários sobre músicas de seu conhecimento.

Os estudantes podem apresentar em forma de frases seus entendimentos sobre música e ensino.

Sugerir uma apresentação em grupo sobre o entendimento do significado de letras de músicas protesto.

Uma letra de música protesto pode ser apresentada e a partir da leitura e audição surgirem abordagens sobre seu contexto a partir da vivência atual.

O professor pode pedir aos estudantes que façam uma lista de outros recursos metodológicos, além do livro didático que podem ser usados em sala de aula.

Através de textos breves os estudantes podem descrever suas opiniões sobre o uso de recursos áudio visuais em sala de aula.



REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. **A construção de uma didática da História:** algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. In: História, São Paulo, n 22(1), 2003, p. 183-193.

ALENCAR, Fábio Aquiles Martins de. **O Leviatã e a coruja sob os olhos de Minemósine: a ditadura civil militar nas trincheiras da memória.** São Luís, 2016.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado autoritário (1968- 1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência:** o Estado de São Paulo e Movimento. Bauru; EDUSC, 1999.

ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro, não: música popular cafona editadura militar.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

BAUER, Caroline Silveira. **Terrorismo de Estado e repressão política na ditadura cívico-militar de segurança nacional brasileira (1964-1988).** Londrina, p. 1-8, 2005.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: **O saber histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002, p. 69-90.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.** Brasília-DF, 9.394/96.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Brasília: MEC/SEMTC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília-DF, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **PNLD 2020: História – guia de**

livros didáticos. Brasília-DF, 2019.

Disponível em Documentos: <https://www.beaba.org.br/produtos>. Acesso em 18 de maio de 2022.

Disponível em Documentos: [https://www.planalto.gov.br/ Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017](https://www.planalto.gov.br/Lei%20n%2013.415%20de%2016%20de%20fevereiro%20de%202017). Acesso em 01 de maio de 2022.

Disponível em Documentos: <https://www.edocente.com.br>. Acesso em 24 de maio de 2022.

Disponível em documentos: <https://www.proesc.com/gestaopedagogica>. Acesso em 20 de maio de 2022.

FALCÃO, Rodrigo Pereira. **Sobre o tempo:** noções de temporalidade no Ensino Médio através de canções populares brasileiras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro: Campus, 2012, p.169-186.

HERMETO, Miriam. **Canção Popular Brasileira e ensino de história: palavras, sonse tantos sentidos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de viagem:** CPC, vanguarda e desbunde: 1960/ 70. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

KOSSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: **Futuro passado.** Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006, p. 97-118.

LAMARÃO, Luisa Quarti. **As muitas histórias da MPB:** As ideias de José Ramos Tinhorão. Niterói, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **Música e História do Brasil.** In: História e música: História cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.27-52.

NAPOLITANO, Marcos. **A síncope das ideias: a questão da tradição na**

música popular brasileira. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro:** Artistas da Revolução, do CPC à Era da TV. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto.** Petrópolis: Vozes, 1974.